
TEOLOGIA PRÁTICA



O/A PREGADOR/A (DES)AUTORIZADO/A¹

The (un)authorized preacher

Klaus Andreas Stange²

RESUMO

O presente artigo aborda o tema da identidade e da autoridade no ministério pastoral. O autor explora o texto de 2 Coríntios 3.4–4.18, destacando duas imagens usadas pelo apóstolo Paulo, nessa perícopes, que servem como chave hermenêutica para a abordagem do tema. As duas imagens fazem referência ao episódio do rosto de Moisés, que resplandece após seu encontro com Deus, no monte Sinai, e ao relato da criação, no qual se afirma a criação do ser humano como criado à “imagem e semelhança” de Deus. O tema da identidade no ministério pastoral será desenvolvido a partir da visão que entende a “imagem e semelhança” como uma imagem refletida, não como uma imagem representativa. Dessa premissa, derivam-se algumas implicações e consequências para o ministério pastoral.

Palavras-chave: Ministério. Crise Ministerial. Identidade Ministerial. Autoridade Ministerial. 2 Coríntios 3 e 4.

ABSTRACT

The present article approaches the theme of identity and of authority in the pastoral ministry. The author explores the text of 2 Co 3.4-4.18, highlighting two images used by the apostle Paul in this text that can be used as hermeneutical keys for the approaching of the

¹ Artigo recebido em 17 de setembro de 2015 e aprovado pelo Conselho Editorial em 4 de novembro de 2015, com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Klaus Andreas Stange é Mestre em Teologia pelo Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, doutorando pelas Faculdades EST e pesquisador bolsista da CAPES. É professor de Teologia Prática na Faculdade Luterana de Teologia – FLT, São Bento do Sul/SC, tendo por áreas de ênfase a homilética e a missiologia. E-mail. k.stange@flt.edu.br.

theme. The two images make reference to the episode of Moses' face that shines after his encounter with God in the Mount Sinai and to the account of creation, where the creation of the human being as "image and likeness" of God is affirmed. The theme of identity in the pastoral ministry will be developed from the vision that understands the "image and likeness" as a reflective image, not as a represented image. From this premise, some implications and consequences for the pastoral ministry are derived.

Keyword: Ministry. Ministerial Crisis. Ministerial Identity. Ministerial Authority. 2 Corinthians 3 and 4.

Houve um tempo – e não faz tanto tempo assim –, em que o pastor / a pastora se colocava diante da comunidade cristã para proferir o sermão e eles tinham diante de si uma comunidade atenta, uma comunidade que aguardava com expectativa ouvir a prédica proferida pelo/a pastor/a. Solenemente, a palavra era comunicada à comunidade cristã, que ouvia e recebia essa palavra como sendo uma palavra do próprio Deus, dirigida a ela. A priori, o/a pastor/a não tinha dificuldades em exercer seu ofício de proferir uma prédica diante da comunidade. Sua autoridade e liderança eram reconhecidas, não só no seio da comunidade cristã, mas também para além dos limites paroquiais. Não eram raras as vezes em que o/a pastor/a era convidado para eventos especiais, solenidades cívicas e festas comunitárias para proferir uma palavra, fazer uma oração ou representar a igreja em fóruns deliberativos.

Parece-nos que, via de regra, essa realidade pertence ao passado. No presente, o/a pastor/a é um personagem marginalizado, acuado, desautorizado. Na esfera pública, raramente encontra espaço para manifestar sua opinião. O que ele/a tem a dizer, generalizando, não interessa à sociedade. Como teólogo/a, sua contribuição é relegada ao âmbito da comunidade denominacional que representa. O mesmo pode-se dizer da religião: ela é restringida ao âmbito privado, da experiência pessoal, íntima³. Chama a atenção como no âmbito acadêmico brasileiro há um

³ Remeto aqui à obra de ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Petrópolis: Vozes, 1975. Nesta obra, Rubem Alves apresenta de forma didática, as mudanças religiosas que ocorrem na sociedade moderna (e pós-moderna). A pergunta que Rubem Alves se faz é: por que a religião não desapareceu com o advento da modernidade? A ciência não a deveria ter substituído? Ironicamente, a despeito do que profetizaram os filósofos, a religião continua viva e presente. Nas palavras de Kolakowski: (citado por Alves) “A chuva dos deuses cai dos céus sobre o túmulo do Deus que sobreviveu à sua própria morte. Ateus têm os seus santos e blasfemos constroem templos”. Para Rubem Alves, a essência da religião não é um objeto, mas uma relação. O que o ser humano moderno e pós-moderno rejeita é a religião institucionalizada (na forma de ritos e liturgias) e que, na maioria das vezes, se encontra muito distante daquilo que constitui a experiência

desprestígio pela teologia. Muitas Instituições de Ensino Superior transformaram seus cursos de teologia em cursos de ciências da religião.

Não é preciso ser profeta para perceber que este estado de coisas gera uma crise no ministério pastoral e, mais especificamente, instala-se uma crise na vida do/a pregador/a e, não por último, em seu ministério de pregação. Percebemos no seio das comunidades cristãs pastores/as cansados, exaustos, desmotivados, deprimidos. O ministério pastoral é exercido de forma mecânica e ritual, sem entusiasmo, sem alegria, como que por obrigação⁴. Como resultado, temos pastores/as estressados/as e a beira de um colapso psicoemocional⁵. Dados estatísticos apontam que hoje 3 em cada 4 pastores nos USA revelam estresse severo⁶. É a realidade do *burnout* que assombra, especialmente, a vida de cuidadores⁷.

Para contornar a crise, muitos pastores/as assimilaram e se entregaram ao *espírito da época* (Zeitgeist). O que caracteriza o *espírito da nossa época*? Fazendo um recorte⁸ e de forma provisória⁹, apontamos para algumas mudanças de conjuntura que ocorreram nos últimos anos, principalmente no que diz respeito às mídias – meios de comunicação.

religiosa primordial. A religião institucionalizada não é a religião em si, mas a racionalização da mesma. Por conta de desilusões com a religião institucionalizada, que já não produzem mais significância no crente, a pessoa passa a buscar novas formas de experiências religiosas. Assim, Rubem Alves passa a descrever a morte e o nascimento dos deuses, como o ser humano se confronta com o absurdo, luta contra a alienação, busca a libertação.

⁴ A geração jovem olha para estes pastores e decide jamais almejar o ministério pastoral para a vida. Instala-se a crise de vocações na igreja. Cf. KAMPPMEYER, Karl. **Das teure Predigtamt**. Hamburg: Furche-Verlag, 1954, p. 82-112.

⁵ Cf. OTT, Ruthard. **Müde – erschöft – ausgebrant. Symptome des Burnout verstehen und gestalten**. Disponível em: <http://www.psychanalyse-laienforum.de/vortragsnotizen/vortrnotiz_ss06_burnout.html?>. Acesso em: 20 jul. 2015.

⁶ CROUCHER, Rowland. **Stress and Burnout in Ministry**. Disponível em: <http://www.churchlink.com.au/forum/r_croucher/stress_burnout.html>. Acesso em: 20 jul. 2015.

⁷ Cf. GRABHER, Christine. Burnout – nichts geht mehr. In: **Impuls - ÖSTERREICHISCHEN BERUFSVERBANDES FÜR KINESIOLOGIE**. Österreich: ÖBK, 2010, n.23, p. 29-30. Cf. também os estudos de OLIVEIRA, Roseli K. de. **Para não perder a alma**. São Leopoldo: Sinodal, 2012.

⁸ Iremos nos deter a apresentar algumas mudanças relacionadas aos meios de comunicação – mídias.

⁹ Cientes que o assunto é amplo e não pode ser caracterizado em poucas páginas.

Nosso tempo tem sido caracterizado como a sociedade do espetáculo¹⁰ - como o descreveu o filósofo e diretor de cinema, Guy Debord (1967). Debord denuncia em seu texto a “tirania” das imagens, descreve como a sociedade contemporânea se submete, de forma acrítica e alienante, ao “império” da mídia, outorgando todo poder aos “profissionais do espetáculo”. Debord escreveu seu livro na forma de teses, descrevendo a “alienação espetacular; a mercadoria como espetáculo; o triunfo da aparência; o tempo e o espaço espetaculares; e a cultura e da ideologia da sociedade do espetáculo”¹¹. Para Debord, a sociedade contemporânea é “um imenso acúmulo de espetáculos” isto é, tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação¹². A vida está invertida, espelhada: a vida real é espetacularizada e o espetáculo se torna a vida real. No âmbito das comunidades cristãs, muitos pastores/as se comportam como profissionais do espetáculo: rendem-se à tirania do consumo, à mercantilização do próprio ser humano, transformam o púlpito em palco¹³, entretêm e alienam a comunidade; a prédica não é recebida como

matéria-prima a ser utilizada para construção da vida nas mais diversas situações, mas como produto acabado, pronto para consumo, um bem perecível, não-durável, para que quando este acabe [o fiel] busque adquiri-lo novamente, estabelecendo assim a relação de troca, onde a fê se transforma em produto e não mais um instrumento que capacita as pessoas para enfrentar os desafios presentes da vida cotidiana¹⁴.

Assim, na sociedade do espetáculo midiático, a prédica sempre tem um final feliz, satisfazendo as necessidades individuais do ouvinte.

Para dar conta da crise que se instalou no ministério, o/a pastor/a exerce seu ministério como profissional que precisa dominar técnicas de oratória

¹⁰ DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

¹¹ Um resumo e sistematização das teses de Debord podem ser encontrados em RAMOS, Luiz Carlos. A sociedade do espetáculo e o discurso religioso. In: **Revista Caminhando**. São Paulo: FATEO/UMESP, v. 13, n. 2, 2008, p. 141-154.

¹² DEBORD, Guy, 1997, p. 13

¹³ Cf. CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, ‘templo’ e ‘mercado’**: uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neopentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1996.

¹⁴ PAUPITZ, Marli. A imagem do pastor e da pastora na sociedade midiática. In: **DISCERNINDO - Revista Teológica Discente da Metodista**. São Paulo: FATEO/UMESP, v. 2, n. 2, 2014, p. 250.

e seduzir os seus ouvintes, “mexer com a emoção” das pessoas¹⁵. Na prédica, o foco é deslocado do significado para o significante, ou seja, há menos preocupação com a verdade e mais ocupação com o que parece ser verdade. Assim, trocam-se os princípios hermenêuticos que normalmente orientam a ressignificação e a presença da mensagem evangélica pela pesquisa de opinião, pelo “monitoramento da audiência”¹⁶.

Para dar conta da crise, o/a pastor/a

... também necessita ser um estrategista mercadológico, pois sua carreira profissional depende do crescimento numérico de seus fiéis. Esse crescimento resulta no aumento da arrecadação, pois os fiéis são estimulados a contribuir por meio da venda de bênçãos, ou ainda pela coerção, isto é, contribuem com medo de serem amaldiçoados por Deus. O perfil de pastoreio não é mais do cuidado expresso pelo caminhar junto com as pessoas, mas é feito de forma distante utilizando recursos de comunicação em massa. Nesta abordagem as pessoas não são mais levadas à reflexão, são manipuladas a agirem de acordo com a cabeça do seu líder, se alguém discordar é considerado rebelde e até herege¹⁷.

Ao invés de pastores/as, encontramos nas comunidades líderes. Todo/a pastor/a pode ser um líder, mas não necessariamente todo líder é um/a pastor/a. Nas palavras de Ricardo Barbosa, a vida do/a pastor/a ...

é orientada por projetos: crescimento de igrejas, avanços missionários, educação teológica, grupos familiares. São atividades necessárias na vida das igrejas. No entanto, o especialista procura envolver-se somente com aquilo que lhe é específico e para o qual sente-se competente. Não tem tempo para o que considera pequeno e inexpressivo, como as visitas aos enfermos, oração com os idosos e aniversário das crianças. Para estas atividades ele contrata auxiliares. Sua linguagem é técnica, gerencial, acadêmica e o tempo é medido pelas conquistas e realizações¹⁸.

¹⁵ Cf. para maior detalhamento da relação de persuasão e sedução na prédica, o texto de RAMOS, Luiz Carlos. Persuasão homilética na idade média: a pregação contemporânea e os meios de comunicação de massas. In: **Revista Caminhando**. São Paulo: FATEO/UMESP, v. 9, n. 1, 2005, p. 167ss.

¹⁶ RAMOS, Luiz Carlos. A práxis homilética e a espetacularização do discurso religioso contemporâneo. In: **Revista Caminhando**. São Paulo: FATEO/UMESP, v. 18, n. 2, 2006, p. 125.

¹⁷ PAUPITZ, Marli, 2014, p. 252.

¹⁸ BARBOSA, Ricardo. **Nova liderança**: paradigmas de liderança em tempos de crise. Curitiba: Encontro, 2003, p. 76.

A resposta para a crise do/a pregador/a na pregação é dada pela sociedade do espetáculo, pela cultura da mídia¹⁹. A mídia penetra e determina o religioso²⁰.

É este o único caminho que resta ao/à pregador/a? Entregar-se, de corpo e alma, ao espírito de nossa época e aderir à ditadura de uma sociedade do espetáculo? Ou resignar quando os recursos pessoais ou financeiros não estão acessíveis? Há uma forma de o/a pregador/a se saber novamente autorizado na comunicação do Evangelho? O que autoriza o/a pregador/a? De onde ele/a extrai sua autoridade e sua identidade ministerial²¹?

Nos parágrafos que se seguem, desejamos propor uma reflexão que procura responder à crise do/a pregador/a a partir de uma perspectiva bíblico-teológica. Não temos a pretensão de resolver a questão apresentada, mas abrir [novas] perspectivas, especialmente para aqueles que exercem o ofício da pregação diante da comunidade, de maneira que possa exercê-lo com alegria e coragem.

1 DUAS IMAGENS

Qual a relação entre competência e autoridade? Alguém que tem autoridade ainda necessita de competência? E, vice-versa: alguém que é competente no que faz, ainda necessita de autoridade? O que está na raiz do ministério pastoral? Qual é a nossa compreensão de ministério? O que dá identidade ao ministério?

Para respondermos estas perguntas queremos atentar para o ministério do apóstolo Paulo. Tomaremos por base o texto bíblico de 2 Co 3.4-4.18:

4 Tal é a confiança que temos diante de Deus, por meio de Cristo. 5 Não que possamos reivindicar qualquer coisa com base em nossos próprios méritos, mas a nossa capacidade vem de Deus. 6 Ele nos capacitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; pois a letra mata, mas o Espírito vivifica. 7 O ministério que trouxe a morte foi gravado com letras em pedras; mas

¹⁹ Cf. o interessante artigo de ABREU, João Baptista de. O pregador midiático. Marcelo Rossi e o discurso radiofônico em *Nosso momento de fé*. In: **Revista Logos** – mediações sonoras. Rio de Janeiro: UERJ, v. 18, n. 2, 2011, p. 107-120.

²⁰ Cf. a tese de doutorado de CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel**: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X : Mysterium, 2007.

²¹ Cf. SORG, Theo. **Ruf und Vollmacht**. Von den Grundlagen geistlichen Dienstes. Giese/Basel: Brunen-Verlag, 1965.

esse ministério veio com tal glória que os israelitas não podiam fixar os olhos na face de Moisés por causa do resplendor do seu rosto, ainda que desvanecente. **8** Não será o ministério do Espírito ainda muito mais glorioso? **9** Se era glorioso o ministério que trouxe condenação, quanto mais glorioso será o ministério que produz justiça! **10** Pois o que outrora foi glorioso, agora não tem glória, em comparação com a glória insuperável. **11** E se o que estava se desvanecendo se manifestou com glória, quanto maior será a glória do que permanece! **12** Portanto, visto que temos tal esperança, mostramos muita confiança. **13** Não somos como Moisés, que colocava um véu sobre a face para que os israelitas não contemplassem o resplendor que se desvanecia. **14** Na verdade as mentes deles se fecharam, pois até hoje o mesmo véu permanece quando é lida a antiga aliança. Não foi retirado, porque é somente em Cristo que ele é removido. **15** De fato, até o dia de hoje, quando Moisés é lido, um véu cobre os seus corações. **16** Mas quando alguém se converte ao Senhor, o véu é retirado. **17** Ora, o Senhor é o Espírito e, onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade. **18** E todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, segundo a sua imagem estamos sendo transformados com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito.

1 Portanto, visto que temos este ministério pela misericórdia que nos foi dada, não desanimamos. **2** Antes, renunciamos aos procedimentos secretos e vergonhosos; não usamos de engano nem torcemos a palavra de Deus. Pelo contrário, mediante a clara exposição da verdade, recomendamos-nos à consciência de todos, diante de Deus. **3** Mas se o nosso evangelho está encoberto, para os que estão perecendo é que está encoberto. **4** O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. **5** Pois não nos pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós como escravos de vocês, por amor de Jesus. **6** Pois Deus que disse: “Das trevas resplandeça a luz”, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo. **7** Mas temos esse tesouro em vasos de barro, para mostrar que este poder que a tudo excede provém de Deus, e não de nós. **8** De todos os lados somos pressionados, mas não desanimados; ficamos perplexos, mas não desesperados; **9** somos perseguidos, mas não abandonados; abatidos, mas não destruídos. **10** Trazemos sempre em nosso corpo o morrer de Jesus, para que a vida de Jesus também seja revelada em nosso corpo. **11** Pois nós, que estamos vivos, somos sempre entregues à morte por

amor a Jesus, para que a sua vida também se manifeste em nosso corpo mortal. 12 De modo que em nós atua a morte; mas em vocês, a vida. 13 Está escrito: “Cri, por isso falei”. Com esse mesmo espírito de fé nós também cremos e, por isso, falamos, 14 porque sabemos que aquele que ressuscitou ao Senhor Jesus dentre os mortos, também nos ressuscitará com Jesus e nos apresentará com vocês. 15 Tudo isso é para o bem de vocês, para que a graça, que está alcançando um número cada vez maior de pessoas, faça que transbordem as ações de graças para a glória de Deus. 16 Por isso não desanimamos. Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sendo renovados dia após dia, 17 pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles. 18 Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno.

Nesse texto, Paulo está discorrendo acerca do fundamento, da raiz, daquilo que dá identidade ao seu ministério. É exatamente por causa desse fundamento, que Paulo poderá dizer, no final da perícopes: “por isso, não desanimamos!” (v.16)

No texto que nos propomos a estudar, Paulo retoma algumas imagens, muito interessantes, do AT e as relaciona entre si.

A primeira imagem que Paulo destaca é o encontro de Moisés com Deus no monte Sinai (v.6ss). Nesse encontro, Deus entregara a Moisés as duas tábuas de pedra contendo a inscrição dos 10 mandamentos²². Moisés desce do monte, do lugar onde ele havia estado na presença de Deus, e compartilha com o povo de Israel, a palavra que ele recebera de Deus. Ao olhar para Moisés, o povo de Israel percebe o brilho no rosto de Moisés. Não é o brilho do próprio Moisés, mas é o brilho da glória de Deus refletida no/atraves do rosto de Moisés²³!

Ao lermos o texto, ficamos com a impressão que Paulo se utiliza de um recurso midiático muito comum: Quando o produtor de um filme deseja impactar a plateia, muitas vezes ele se utiliza de um recurso onde não se vê o fenômeno em si, mas é mostrada a reação das pessoas diante de um determinado fenômeno²⁴! Algo semelhante nós encontramos no relato do encontro de Moisés com o povo: ao verem a glória de Deus refletida no rosto de Moisés, a cena é de espanto, medo.

²² Cf. Êx 31.18

²³ Cf. Êx 34.29 ss.

²⁴ GOMES. Paulo Emílio Sales. **O cinema no século**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

O rosto de Moisés refletia e espelhava aquilo que ele tinha visto e o povo de Israel reage com espanto.

Paulo destaca que nesse episódio, o povo de Israel não suportou ver o brilho da glória de Deus refletida na face de Moisés. Por isso o povo pede que Moisés coloque um véu para cobrir o rosto e minimizar o brilho. Nesse momento, Paulo faz um contraponto: conosco é diferente! (v. 13ss) Não somos como Moisés... mas com o rosto descoberto, vamos ao encontro das pessoas, vamos ao encontro uns dos outros e refletimos a glória de Deus no mundo.

A segunda imagem do AT, que Paulo retoma, talvez não identifiquemos tão facilmente numa leitura rápida. Mas Paulo está retomando textos do relato da criação (Cf 2 Co 3.18 e 4.5-6). Paulo faz referência ao relato da criação e estabelece uma ponte com Gn 1.27: Somos criados à imagem e semelhança de Deus! Paulo está afirmando que cada cristão é chamado a ser imagem de Cristo! E Cristo é a imagem de Deus! Paulo estabelece uma relação entre o seu ministério apostólico com o ser imagem de Cristo²⁵. Nessa relação reside uma chave hermenêutica para entendermos o texto de 2 Co 3.4ss. e entendermos qual é o fundamento, o que dá identidade ao ministério pastoral.

2 IMAGEM E SEMELHANÇA: EM QUE SENTIDO?

Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança! A pergunta que precisa ser respondida é: qual o significado, quais as implicações do fato de sermos criados à imagem e semelhança de Deus²⁶? Nem no hebraico e nem na língua grega as palavras se explicam por si só²⁷. Há, muito mais, um colorido de sentidos nessas duas palavras. E nem sempre há unanimidade na compreensão teológica das mesmas. No entanto, tomamos a liberdade de propor um consenso: Imagem, tanto do AT

²⁵ Cf. WENDLAND, Heinz-Dietrich. **Die Briefe an die Korinther**. (Das Neue Testament Deutsch, 7). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1946, p. 107. O autor sugere um paralelismo entre o reconhecimento de Cristo e o relato da criação da luz. Reconhecer Cristo seria como uma segunda criação da luz.

²⁶ Cf. SOUZA, José Neivaldo de. O destino do homem no plano do Deus: uma análise da antropologia patristica sobre a “imagem e semelhança”. In: **Pistis & Práxis**. Curitiba, v. 1, n. 1, 2009, p. 119-145.

²⁷ ROOY, Sidney H. Imagens de Deus na história da Igreja e sua relevância atual. In: **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, ano 15, n. 2, 1975, p. 17-19.

quanto no NT, é a expressão visível de algo que é invisível. Se aplicarmos este conceito a Deus, então a imagem é a expressão visível de um Deus que, como tal, não é visível. Imagem é a expressão visível de um poder, de uma força (*dínamis*) ou de uma pessoa²⁸.

No entanto, se conferirmos a forma como tradicionalmente a expressão “imagem e semelhança” é interpretada, percebemos um contraste com o conceito apresentado acima. Classicamente, temos interpretado a expressão “imagem e semelhança” como representantes de Deus²⁹! O ser humano se coloca no lugar de Deus na medida em que ele assume a tarefa de administrador, cuidador da criação. Portanto, o ser humano é o representante de Deus: essa é a conotação que normalmente damos ao texto. O ser humano é o representante de um Deus que não está presente! Ele se coloca no lugar de Deus³⁰.

O ser humano se entende como imagem de Deus, como imagem de Cristo. Afirmamos isso de forma positiva, com a melhor das intenções. Deus é o nosso exemplo, o nosso modelo. Nós, seres humanos, criados à imagem e semelhança de Deus, apontamos para Ele. Somos chamados por Ele e enviados como seus representantes para dentro de um mundo no qual Deus não está mais presente. Agora, ser imagem de Deus significa que tomamos a Deus como nosso exemplo. Nós procuramos, com todas as nossas forças, com a melhor de nossas intenções, fazer o melhor!

Ao mesmo tempo, ser imagem de Jesus Cristo significa orientar-se a partir de Jesus Cristo: sua vida, seu ensino são inspiração³¹.

Uma leitura cuidadosa dos parágrafos acima, irá revelar que a ênfase está um tanto deslocada, unilateral. Por outro lado, parece que é exatamente isso que temos visto e acompanhado na história da igreja e no ministério de muitos pastores/as no contexto brasileiro. Jesus foi o representante de Deus até a sua morte na cruz. Agora, a cruz é o símbolo da igreja e interpretamos: Deus não está mais presente entre nós. Nós precisamos nos colocar no lugar de Deus! Na teologia, em alguns

²⁸ ROOY, 1975, p. 17ss.

²⁹ Cf. WOLF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Ed. Loyola, 1983, p. 211-218.

³⁰ WESTPHAL, Euler Renato. Em busca da humanidade do ser humano. In: **Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira**. São Bento do Sul: União Cristã, v. XIV, n. 1, 2006.

³¹ SOUSA, Ricardo Barbosa de. **Identidade perdida: transformado à imagem de Cristo**. Curitiba: Encontro, 2012.

momentos chegamos a declarar a “morte de Deus”³². Nas conferências missionárias, de boca cheia asseveramos: “Deus não tem outra boca senão a nossa boca, não tem outras mãos, senão as nossas mãos, Cristo não tem outros pés, senão os nossos pés”³³! Só faltou afirmarmos, como igreja, que Cristo não tem outra cabeça senão a nossa cabeça. Nesse caso, encontrar-nos-íamos na mesma situação da igreja de Laodicéia, mencionada em Ap 3. 14ss, onde o Senhor da Igreja está do lado de fora da sua igreja, batendo à porta e pedindo licença para entrar!

Como entender o texto? Como entender a expressão de Paulo, quando ele afirma que “segundo a sua imagem, a imagem de Cristo, estamos sendo transformados”? (2 Co 3.18). No nosso entendimento, o sentido da expressão paulina reside no fato de que uma imagem não quer ser produzida, mas refletida! Não é algo que damos, mas apenas passamos adiante, não é algo que criamos, mas apenas passamos adiante o que nos foi posto ou colocado em nossas mãos!

Ser imagem e semelhança, não significa que somos chamados a imitar

³² O ser humano louco: “Vocês não ouviram falar daquele ser humano louco que, em plena manhã clara ascendeu um lampião, andou pela praça do mercado e gritou incessantemente: ‘Eu procuro Deus! Eu procuro Deus!’ – como lá se encontrassem justamente muitos daqueles que não criam em Deus, ele provocou muitas gargalhadas. Será que ele se perdeu?, dizia um. Será que ele errou o caminho como uma criança?, dizia o outro. Ou será que ele se mantém escondido? Será que ele tem medo de nós? Será que ele afundou? Desertou? – assim eles gritavam e riam descontroladamente. O ser humano maluco pulou no meio deles e os transpassou com seus olhares. ‘Para onde foi Deus?’, clamava ele, ‘eu quero dizê-lo a vocês. Nós o matamos, – vocês e eu. Nós todos somos os seus assassinos. Mas como nós fizemos isto? Como fomos capazes de beber o mar? Quem nos deu a esponja, para que apagássemos o horizonte? O que fizemos nós, quando desacorrentamos esta terra de seu sol? Para onde ela se move agora? Para onde nós nos movemos? Para além de todos os sóis? Não despencamos continuamente? E para trás, para o lado, para a frente, para todos os lados? Ainda existe um em cima e um embaixo? Nos perdemos no meio de um Nada infinito? ... Não ficou mais frio? ... Não é necessário ascender lampiões em plena manhã? Não estamos ouvindo nada do barulho dos covéis que estão sepultando Deus? ... Deus está morto! Deus permanece morto!’ NIETZSCHE, Friedrich. *Die fröhliche Wissenschaft* (1882), Aphorismus 125. In: COLLI, G. & MONTINARI, M. **Sämtliche Werke - Kritische Studienausgabe**. Berlin/New York/München: Dtv. v. 3, 1980, p. 480s.

³³ As conferências missionárias basearam o dito em uma oração do séc. XIV denominada “Christus hat keine Hände”. Christus hat keine Hände, nur unsere Hände, um seine Arbeit heute zu tun. Er hat keine Füße, nur unsere Füße, um Menschen auf seinen Weg zu führen. Christus hat keine Lippen, nur unsere Lippen, um Menschen von ihm zu erzählen. Er hat keine Hilfe, nur unsere Hilfe, um Menschen an seine Seite zu bringen. Gebet aus dem 14. Jahrhundert. Cf. <www.st-pius-arnsberg.de/download/KreuzKirche.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.

o sol, mas a refletirmos o sol – como a lua o faz. A luz brilha de forma fascinante para nós durante a noite. Mas o segredo da lua não está em sua própria fonte de luz, não está em sua própria capacidade, mas no fato de refletir aquilo – ou seja, a luz que ela recebe!

Cabe aqui refletirmos: quanto tempo dispendemos, quanto esforço e empenho, quanta energia é gasta, na tentativa do ser humano querer representar a Deus? O ser humano imagina ou pensa que a sua tarefa é, a partir de si mesmo, deixar brilhar a luz do Evangelho. Por muito tempo, o ser humano tem colocado um centro antropológico ou eclesiológico na missão e no ministério pastoral³⁴.

3 APENAS REFLETIR A IMAGEM!

Paulo parte do princípio que o Evangelho possui em si mesmo o poder e pode a partir de si mesmo criar a fé no coração das pessoas. Paulo vai ainda mais longe e diz: “Se o Evangelho não conduz pessoas à fé, à vida, então isso se deve ao fato de alguém colocar um véu diante dos seus olhos, diante dos seus corações”. (v. 14ss)

Não precisamos produzir o amor a partir de nós mesmos, mas refletir o amor de Deus derramado em nossos corações. Não precisamos produzir, a partir de nós mesmos, a força para conduzir pessoas à fé em Jesus, mas precisamos aprender com Paulo a descobrir o rosto, a tirar o véu de diante dos nossos olhos, tirar as máscaras, sermos autênticos. Porque, na realidade, carregamos véus, máscaras diante dos nossos olhos³⁵. E achamos que quanto mais nos empenharmos em dizer as coisas certas para as pessoas, quanto mais fizermos o que elas gostariam que fizéssemos, tanto mais seremos perfeitos e tanto mais autoridade nós teremos.

Mas, quando refletimos a imagem de Cristo, a questão da autoridade é derivada ao contrário. Não se trata de eu ter uma grande fé. Mas trata-se de nós termos um grande Deus! O que precisamos admitir, concretamente, é a nossa falta de fé.

Paulo denuncia os cristãos da comunidade de Corinto, porque eles,

³⁴ Cf. o estudo psico-teológico de Arno Schleyer, que descreve as consequências na vida da pessoa que busca representar Deus, ao invés de refletir sua imagem. SCHLEYER, Arno. **Die Kraft des Vertrauens**. Wuppertal: R. Brockhaus Verlag, 1990, p. 17-36.

³⁵ SCHLEYER, 1990, p. 93-107.

enquanto comunidade, estão crescendo na direção errada. Os coríntios se vangloriavam de sua grande fé, se vangloriavam de sua força e de seu poder espiritual. Eles se vangloriavam de sua formação teológica, de seus títulos, de seus dons, da sua capacidade...³⁶. Eles são da opinião de que foram chamados para representarem a Deus, o Deus que não está mais presente!

Mas Paulo tem outra opinião. Ele apresenta aos coríntios o centro do Evangelho: eu sou amado, aceito por Deus! Deus diz “sim” para mim, exatamente como sou: como um vaso de barro, que em si mesmo não representa ter o valor ou a dignidade de carregar o conteúdo que lhe foi confiado.

É extremamente libertador, quando descobrimos que não somos chamados a representar Cristo, mas a refletirmos a imagem de Cristo. Para o ministério pastoral isso significa que posso me libertar de todos os véus, de todas as máscaras e refletir o amor de Deus, porque o seu amor e a sua bênção não ficam sem efeito.

Deus / Cristo age por meu intermédio, pois ele não é o Deus ausente, mas o Senhor ressurreto. Não somos pequenas lanternas (sóis), mas somos chamados a refletir o sol: este é o segredo! Na prática, quando pautamos o ministério a partir desse princípio, descobrimos o Evangelho, o centro, aquilo que dá identidade e fundamento ao ministério³⁷!

Não sei qual é a expectativa do leitor em relação ao ministério pastoral. Às vezes experimentamos fracassos. Refiro-me, especialmente, aos fracassos pessoais, quando precisamos lidar com nossos limites e pecados. É interessante observarmos que Deus possui uma predileção toda especial por pessoas fracassadas: Deus deixou Moisés esperando por 80 anos, pois ele sempre insistiu em ser representante de Deus, insistiu em tomar as rédeas da história do povo de Israel no Egito em suas mãos³⁸. Com Abraão e Sara não foi diferente. Tivesse Abraão sido pai com Sara nos anos do vigor da juventude, provavelmente Abraão e Sara tenderiam mais a representantes do que um reflexo da imagem de Deus³⁹. Quanto tempo Deus terá que esperar conosco?

³⁶ Cf. KRIMMER, Heiko. **1. Korintherbrief**. Stuttgart: Hänssler-Verlag, 1996, p. 114-127.

³⁷ Cf. WINGREN, Gustaf. **Die Predigt**. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt Berlin, 1954, p. 151-171.

³⁸ Cf. HARBIN, Christopher Byron. **Homilética Teológica das Narrativas**. Porto Alegre: STBRS, 2002, p. 133-141. Cf. Êx 3.1-15.

³⁹ Cf. Gn 15.1ss.

O texto bíblico desafia cada pregador a ser um reflexo pleno, livre, aberto, verdadeiro da imagem de Jesus Cristo! “Pois Deus, que disse: “Das trevas resplandeça a luz”, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo.”(2 Co 4.6). O Deus que disse: “haja luz, e houve luz”, é o mesmo Deus a agir e atuar, hoje. Na primeira criação e na segunda criação ele é o sujeito, dele emana a autoridade criadora.

4 IMPLICAÇÕES PRÁTICAS

Um problema que ainda precisamos refletir brevemente é a prática do que temos asseverado. Teologicamente podemos concluir que está correto. A partir da teologia sistemática também é possível endossar a tese desenvolvida neste artigo⁴⁰. Mas fica em aberto a pergunta pela prática, pelo envolvimento pessoal, do/a pastor/a nesse processo.

Penso que muitas vezes há mal entendidos quando achamos que “ativo” e “passivo” são duas grandezas mutuamente excludentes. Parece que a nossa tentativa é fazer a lua, em última análise, assumir o papel de sujeito, de centro!

Fica a pergunta: nós somos ativos ou passivos em nosso ministério? Em termos de nossa relação / relacionamento com Deus – notem bem, nós sempre e completamente somos receptores. Nem precisamos ser mais do que isso! Deus não deseja nada mais do que nos presentear com suas dádivas, sempre de novo! Somos, então, passivos em nosso relacionamento com Deus? Se ser “passivo” significa ser um vaso que recebe, então a resposta é “sim”. Nesse sentido somos sempre passivos para com Deus. Ele não se cansa de nos presentear, pois esse é o seu jeito de ser, esse é o seu amor! Então, não há nada que possamos fazer em relação a Deus? Sim, o que podemos fazer é nos deixar, constantemente, presentear. Podemos parar de resistir aos mistérios e à graça de Deus! Entre pessoas que se amam, nada mais bonito e cativante do que viver esse amor, aceitar um ao outro, como presente de Deus; deixar-se amar, sem reservas. Nossa arrogância e nosso orgulho nos impedem de usufruirmos as boas dádivas e o amor de Deus.

Somos passivos no sentido de sem ação? Muito pelo contrário! Quando Jesus Cristo, quando o Criador, quando a ressurreição adentrou o túmulo de Lázaro,

⁴⁰ WEBER, Otto. **Grundlgen der Dogmatik I**. Berlim: Evangelische Verlagsanstalt, 1977, v. 1, p. 615-639.

no momento em que Jesus exclamou: “Lázaro, vem para fora!”⁴¹, não houve passividade. O chamado de Jesus nos coloca em ação. O chamado de Jesus fez Lázaro sair do túmulo, fez com que Saulo – um perseguidor de cristãos, se tornasse um Paulo – um cristão⁴².

Na prática, nós vivemos como vasos, como receptores, como aqueles que refletem a imagem de Deus. Mais do que isso nós nunca precisamos ser. Não há maior atividade do que essa: deixar-se presentear pelo Senhor! O verdadeiro amor é incondicional e, justamente por isso, ele jamais fica sem fruto. O amor de Deus nos alcança, nos atinge e nos transforma. Esse é o agir criador de Deus. E esta é a nossa “atividade”. Refletir a imagem de Cristo é ser ativo. A luz reflete a luz do sol com toda a sua intensidade. Se for lua cheia, tanto melhor! Quanto menos obstáculos entre o sol e a lua, tanto melhor! Essa é a nossa “atividade”. Desenvolvemos os nossos dons, adquirimos competências e os colocamos a serviço da missão de Deus: nunca no lugar do nosso relacionamento com Deus! Deixar a imagem de Cristo refletir! Para isso ele quer usar o nosso rosto humano, o vaso de barro! (2 Co 4.7).

Porém, ministério também gera resistência (2 Co 4.8-12). O que a/o pregador/a pode esperar de seu ministério? Um ministério bem sucedido é um ministério que anda nas pegadas dos apóstolos, nas pegadas de homens e mulheres, de testemunhas fiéis. Onde reside a nossa dificuldade? Nosso problema reside no fato de derivarmos o sentido de nosso ministério de fatores antropológicos. Nós nos doamos, entregamo-nos ao ministério. Mas, no exercício de nosso ministério, queremos nos comprovar a nós mesmos. Doamo-nos, entregamo-nos, mas queremos ver o sucesso de nosso trabalho, de nosso ministério. Doamo-nos, entregamo-nos pela comunidade, mas queremos que a comunidade corresponda com o seu amor por nós. Precisamos nos comprovar, precisamos de uma resposta de amor, de aceitação⁴³. Porém Paulo, na períclope em destaque, afirma: “Não pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor”! Paulo nos abre os olhos e nos mostra que no ministério, não se trata de nós, em primeiro lugar, mas de Cristo! (2 Co 4.12). Em outras palavras: Assim como Jesus, com Jesus, nós carregamos sofrimento. Nós amamos, mas somos odiados! Nós nos importamos com as pessoas, mas as pessoas não se importam conosco. E, a despeito de tudo isso, nós não ficamos estagnados na autocompaixão, mas dizemos com Paulo: “esta é a nossa missão, nosso envio,

⁴¹ Cf. Jo 11.

⁴² Cf. At 9.1ss.

⁴³ SCHLEYER, 1990, p. 93-107.

nosso chamado”. O que podemos esperar desse mundo? O que podemos esperar das trevas a não ser que as trevas procurem ofuscar a luz?

Nós temos a necessidade de nos sentirmos úteis. É bom quando as pessoas precisam de nós. Nós temos necessidades de sermos amados. No entanto, uma imagem se orienta a partir do original que representa! Dele deriva tudo de que necessitamos. Enquanto pastores e pastoras, ministros e ministras do Evangelho, quantas vezes caímos na tentação – nas nossas pregações, nas reações às pregações, no ministério do dia a dia, no aconselhamento de buscarmos e procurarmos os afagos que nos dão ânimo para o próximo passo, que nos encorajam a irmos ao encontro de uma nova pessoa! Mas isso é um erro! Jamais podemos derivar o sentido de nosso ministério da nossa tarefa. De pessoas não podemos derivar forças. Pelo contrário: nós somos enviados a elas para lhes comunicar – para dentro de suas fraquezas, o poder de Cristo!

Miseráveis pessoas que somos? Não! Quem reflete a luz de seu Senhor, nem se dá conta que está no meio da escuridão! Nós olhamos para o lado certo! Nós nos deixamos cativar pelo brilho do sol. “Por isso não desanimamos. Embora exteriormente estejamos a desgastar-nos, interiormente estamos sendo renovados, dia após dia, pois os nossos sofrimentos leves e momentâneos, estão produzindo para nós uma glória eterna que pesa mais do que todos eles. Assim, fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno” (2 Co 4.16-18).

5 IDENTIDADE QUE SUSTENTA NA ADVERSIDADE

De onde derivamos a identidade de nosso ministério? Quais são as nossas raízes? Qual é o nosso fundamento? Anteriormente afirmamos que a imagem deve refletir seu original, ou seja, como um girassol recebe a luz do sol, o pregador recebe de Deus a luz de que necessita. Em meio à rotina de seu trabalho e ministério, ele pode esperar do Senhor inspiração, ânimo, confirmação, aceitação. Não daqueles aos quais ele é enviado. Senão o pregador cai na armadilha dos discípulos de Jesus que se alegraram pelo fato de demônios lhes estarem sujeitos, curas e milagres se realizarem através deles. A identidade do pregador não deriva do seu trabalho, mas do seu Senhor Jesus Cristo!

O que dá identidade ao ministério? O pregador é tentado a medir-se a

partir do seu sucesso. Mas Paulo insiste que o critério para medir o sucesso não é visível, mas invisível. (Cf. 1 Co 3). Todos edificam sobre o mesmo fundamento: os materiais usados são ouro, prata, pedras preciosas de um lado, madeira, feno e palha do outro lado. Qual a diferença? Um grupo de material se desfaz no grande dia do Senhor, no fogo do amor de Deus. O outro grupo persiste.

O que dá identidade ao ministério do pregador? O fim! Naquele dia todos estaremos diante do Senhor, com nossas agendas lotadas, com nossas muitas atividades... Veremos tudo isso ser consumido pelo fogo: nossas teses de doutorado, mestrado, nossos títulos: tudo queima! Mas naquele dia também encontraremos pessoas, que dirão a nós: “- Eu te agradeço de coração. Naquele momento de crise / dificuldade em minha vida, a palavra que você me deu transformou a minha vida!”. Nem lembramos mais do que dissemos à pessoa. Naquele dia faremos muitas descobertas. A luz da eternidade colocará tudo em outra / nova perspectiva! Não há nada de errado se em nosso ministério experimentamos adversidades e sofrimento. Também não há nada de errado se podemos ver o fruto de nosso ministério. Porém, sendo uma imagem que reflete, não vivemos do resultado. Não é ele que nos determina. Vivemos a partir da fonte, do original. Deus é amor! Esse amor somos chamados a viver. Viver a partir dele e com ele. Não precisamos investir nossa força na tentativa de dar identidade ao nosso ministério a partir da confirmação de pessoas. O amor de Deus nos é suficiente!

REFERÊNCIAS

- ABREU, João Babtista de. O pregador midiático. Marcelo Rossi e o discurso radiofônico em Nosso momento de fé. In: **Revista Logos** – mediações sonoras. Rio de Janeiro: UERJ, v. 18, n. 2, 2011.
- ALVES, Rubem. **O enigma da religião**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- BARBOSA, Ricardo. **Nova liderança**: paradigmas de liderança em tempos de crise. Curitiba: Encontro, 2003.
- BÍBLIA. Português. **Nova Versão Internacional**. Traduzido pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional. São Paulo: Vida, 2000.
- BOHREN, Rudolf. **Predig Lehre**. Gütersloh: Kaiser Gütersloher Verlag-Haus, 1993.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, ‘templo’ e ‘mercado’**: uma análise da organização, rituais, marketing e eficácia comunicativa de um empreendimento neopentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus. São Bernardo do Campo: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1996.
- CROUCHER, Rowland. **Stress and Burnout in Ministry**. Disponível em: <<http://www>

- churchlink.com.au/forum/r_croucher/stress_burnout.html>. Acesso em: 20 jul.2015.
- CUNHA, Magali do Nascimento. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mysterium, 2007.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GOMES, Paulo Emílio Sales. **O cinema no século**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- GRABHER, Christine. Burnout – nichts geht mehr. In: **Impuls – ÖSTERREICHISCHEN BERUFSVERBANDES FÜR KINESIOLOGIE**. Österreich: ÖBK, 2010, n.23, p. 29-30.
- HARBIN, Christopher Byron. **Homilética Teológica das Narrativas**. Porto Alegre: STBRS, 2002.
- KAMPFFMEYER, Karl. **Das teure Predigtamt**. Hamburg: Furche-Verlag, 1954.
- KRIMMER, Heiko. 1 Korintherbrief. In: **Edition C – Bibelkommentar**. Stuttgart: Hänssler-Verlag, 1996.
- NESTLE, Eberhard; ALAND, Erwin. **Novum Testamentum Graece**. 26 ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1987.
- NIETZSCHE, Friedrich. Die fröhliche Wissenschaft (1882), Aphorismus 125. In: **Sämtliche Werke, Kritische Studienausgabe**, ed. COLLI, E; MONTINARI, M. Berlin/New York/München: Dtv, v. 3, 1980.
- OLIVEIRA, Roseli K. de. **Para não perder a alma**. São Leopoldo: Sinodal, 2012.
- OTT, Ruthard. **Müde – erschöpft – ausgebrant**. Symptome des Burnout verstehen und gestalten. Disponível em: <www.psychanalyse-laienforum.de/vortragsnotizen/vortrnotiz_ss06_burnout.html>. Acesso em: 20 jul.2015.
- PAUPITZ, Marli. A imagem do pastor e da pastora na sociedade midiática. In: **DISCERNINDO - Revista Teológica Discente da Metodista**. São Paulo: FATEO/UMESP, v. 2, n. 2, 2014.
- RAMOS, Luiz Carlos. Persuasão homilética na idade média: A pregação contemporânea e os meios de comunicação de massas. In: **Revista Caminhando**. São Paulo: FATEO/UMESP, v. 9, n. 1, 2005.
- RAMOS, Luiz Carlos. A práxis homilética e a espetacularização do discurso religioso contemporâneo. In: **Revista Caminhando**. São Paulo: FATEO/UMESP, v. 18, n. 2, 2006.
- RAMOS, Luiz Carlos. A sociedade do espetáculo e o discurso religioso in: **Revista Caminhando**. São Paulo: FATEO/UMESP, v. 13, n. 2, 2008.
- RIENECKER, Fritz. **Sprachliche Schlüssel zum Griechischen Neuen Testament**. Giessen/Basel: Brunnen Verlag, 1992.
- ROOY, Sidney H. Imagens de Deus na história da Igreja e sua relevância atual. In: **Estudos Teológicos**. São Leopoldo: EST, ano 15, n. 2, 1975.
- SCHMOLLER, Alfred. **Handkonkordanz zum Griechischen Neuen Testament**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1989.
- SCHLEYER, Arno. **Die Kraft des Vertrauens**. Wuppertal: R. Brockhaus Verlag, 1990.
- SORG, Theo. **Ruf und Vollmacht**. Giessen/Basel: Brunnen-Verlag, 1965.
- SOUSA, Ricardo Barbosa de. **Identidade perdida: transformado à imagem de Cristo**. Curitiba: Encontro, 2012.
- SOUZA, José Neivaldo de. O destino do homem no plano do Deus: Uma análise da antropologia patrística sobre a “imagem e semelhança”. In: **Pistis & Práxis**, Curitiba, v. 1 n. 1, 2009.

- WEBER, Otto. **Grundlagen der Dogmatik I**. Berlim: Evangelische Verlagsanstalt, 1977.
- WENDLAND, Heinz-Dietrich. **Die Briefe an die Korinther**. (Das Neue Testament Deutsch, 7). Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1946.
- WESTPHAL, Euler Renato. Em busca da humanidade do ser humano. In: **Vox Scripturae – Revista Teológica Brasileira**. São Bento do Sul: União Cristã, v. XIV, n. 1, 2006.
- WINGREN, Gustaf. **Die Predigt**. Berlim: Evangelische Verlagsanstalt Berlin, 1954.
- WOLFF, Hans Walter. **Antropologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Ed Loyola, 1983.